

## **DARCY RIBEIRO E A *INTELLIGENTSIA* BRASILEIRA: ANOS DE FORMAÇÃO**

### **DARCY RIBEIRO AND THE BRAZILIAN *INTELLIGENTSIA*: FORMATIVE YEARS**

**Demetrius Ricco Ávila<sup>1</sup>**

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo realizar uma análise da formação intelectual de Darcy Ribeiro no decurso de um período compreendido entre 1946 e 1957. Para tanto, esta formação será tomada em sentido amplo, seja no que toca à graduação de Ribeiro em ciências sociais, na Escola Livre de Sociologia e Política estabelecida na cidade de São Paulo, quanto evocando sua concomitante militância político-partidária nos quadros do Partido Comunista Brasileiro, atuando em condições de clandestinidade durante os anos do Estado Novo varguista (1937-1945). Desse modo, as dimensões intelectual e política da formação de Darcy Ribeiro serão analisadas de maneira imiscuída, em sua correlação e em suas determinações recíprocas, em consonância com o propósito supradito de tomar em sentido amplo àquela formação. Ademais, a análise considerará como elemento fundante dessa formação uma carga de leituras extracurriculares impostas a Ribeiro por uma bolsa de estudos na referida escola, leituras compostas por interpretações sobre o Brasil, apresentadas ao então estudante na forma de ensaios elaborados por intelectuais prógonos, tal como na forma de literatura ficcional. Por fim, caberá na análise pretendida a atuação de Darcy Ribeiro, após graduado, em trabalhos etnológicos junto a populações indígenas do Pantanal e da Amazônia brasileira, vinculado ao Serviço de Proteção aos Índios e sob a influência direta do Marechal Cândido Rondon.

**Palavras-chave:** Darcy Ribeiro; pensamento brasileiro; ciências sociais

**Abstract:** This article aims to carry out an analysis of Darcy Ribeiro's intellectual trajectory during the period between 1946 and 1957. For that, this trajectory will be taken in a broad sense, both in terms of Ribeiro's graduation in social sciences, at the Escola Livre de Sociologia e Política situated in São Paulo city, as well as evoking his concomitant political-party militancy within the Partido Comunista Brasileiro, acting in clandestine conditions during the years of Vargas' Estado Novo (1937-1945). In this way, the intellectual and political dimensions of Darcy Ribeiro's trajectory will be analyzed in an immersive way, in their correlation and in their reciprocal determinations, in line with the aforementioned purpose of taking that trajectory in a broad sense. In addition, the analysis will consider as a founding element of this trajectory readings imposed on Ribeiro by a scholarship at that school, readings composed of interpretations about Brazil, presented to student in the form of essays written by predecessor intellectuals, such as in the form of fictional literature. Finally, the intended analysis will be the performance of Darcy Ribeiro, after graduating, in ethnological works with indigenous populations of the Pantanal and the Brazilian Amazon, linked to the Serviço de Proteção aos Índios and under the direct influence of Marshal Cândido Rondon.

**Keywords:** Darcy Ribeiro; Brazilian thought; social sciences

---

<sup>1</sup> Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

## Introdução

O presente trabalho objetiva analisar uma parte da formação intelectual de Darcy Ribeiro. Para tanto, a esta formação se tomará em sentido amplo, situando-se em sua abrangência seja a inserção de Ribeiro em ambiência acadêmica, seja o desenvolvimento extra-acadêmico de seu pensamento, mediante leituras e influências intelectuais diversas, ao longo de um período compreendido entre os anos de 1944 e 1957. Associa-se ao domínio extra-acadêmico de sua formação, também, uma relação de experiências advindas tanto de militância político-partidária quanto de estudos de campo junto a populações indígenas – experiências estas que serão relevantes à análise porquanto possam, tanto quanto o exame de influências intelectuais, indicar as origens de algumas das concepções de Darcy Ribeiro, especialmente daquelas referentes ao Brasil, no intuito de que a indicação de suas origens sirva de base a futuros trabalhos. Elencando nuances significativas da formação de Darcy Ribeiro, não se quer, todavia, exprimi-las ao modo de biografismo, senão demonstrar a recorrente concomitância entre as dimensões intelectual e política em seu decurso. Em nome dessa concomitância, tais dimensões não serão tomadas de modo apartado, ainda que examiná-las imiscuídas demande mais fôlego à escrita. Argui-se que uma postura em contrário acarretaria consideráveis perdas à compreensão do objeto: a análise da formação de Ribeiro estará aqui fundada em uma abordagem que se pretende ampla, incorporando tantas nuances quanto possível, dentro dos limites físicos do trabalho. Isto faz obstar a opção exclusiva por uma ou outra daquelas dimensões. Almeja-se justificar a preferência por tal abordagem no conteúdo mesmo das linhas que seguem.

Uma limitação deve ser prontamente referida. Esta consiste no fato de que as principais fontes disponíveis à análise são relatos rememorativos e autobiográficos do próprio Darcy Ribeiro. Serão colocados em primeiro plano dois destes relatos, publicados sob a forma de livros. O primeiro, intitulado *Testemunho*, foi editado originalmente em 1990, como um retrospecto de sua vida e de suas realizações, por ocasião de sua candidatura ao Senado Federal nas eleições legislativas daquele ano. O segundo chama-se *Confissões* e consiste em uma publicação póstuma, de cunho autobiográfico, cuja primeira edição data de 1997, ano de seu desaparecimento. Ademais, e a propósito de mitigar os efeitos dessa limitação, no correr do texto serão apresentadas outras referências, destinadas a ampliar o alcance do olhar sobre algumas das nuances da formação de Ribeiro. Através dessas referências, dispostas em

paralelo ou ocasionalmente confrontando seu discurso, será possibilitado algum distanciamento quanto às assertivas autorreferentes e ao subjetivismo de que se revestem suas memórias, de tal modo que se alcance o mínimo da objetividade necessária à escrita. Enfim, assinalando a passagem desta introdução à análise propriamente dita, eis uma dessas referências: já disse um historiador latino-americanista que o trabalho dos poetas modernistas da década de 1920 fez-se de modo a “fertilizar o terreno” paulistano onde, uma década depois, floresceria uma imaginação sociológica (MORSE, 1990, p. 133-160). Passada ainda mais uma década e alcançados os anos 1940, nesse terreno em florescência é que Darcy Ribeiro daria os primeiros passos significativos à inscrição de seu nome no rol de uma *intelligentsia* brasileira.

### **A profissionalização em São Paulo: Escola Livre de Sociologia e Política**

Pouco se poderia compreender quanto à formação de Darcy Ribeiro, em sentido amplo, sem um exame mais estrito de sua formação em nível universitário. Essa formação se funde e confunde com a institucionalização acadêmica das ciências sociais em São Paulo, nas décadas de 1930 e 1940. “Pertencço à primeira geração de cientistas sociais brasileiros profissionalizados e com formação universitária específica” (RIBEIRO, 2012a, p.32), afirmava Ribeiro em seus últimos anos de vida. Quiçá desejasse exalçar assim um recorte da própria trajetória, no afã de legitimar posições e projetos políticos, enquanto senador; ou quisesse, enquanto intelectual, conferir autoridade epistêmica às teses defendidas em *O Povo Brasileiro* (sua *opus magna*, que estava vindo à luz naqueles derradeiros anos), fato é que Ribeiro rememorava um contexto que envolvera preteritamente a si, como a outros pensadores formados na década de 1940 e que, como ele, obteriam notoriedade na cena intelectual brasileira nos anos subsequentes.<sup>2</sup>

A evocação da profissionalização tem por referentes a Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) de São Paulo, fundada em 1933, e a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), criada no ano seguinte. A partir de então, a sociologia, que já adentrava faculdades e outros espaços de debate e produção intelectual desde o século XIX (CHACON, 1977), adquiriria condição autônoma de curso superior; e, naquelas duas instituições, a sociologia predominava no conjunto das ciências

---

<sup>2</sup> Foram contemporâneos de Darcy Ribeiro, formando-se em Ciências Sociais entre a Escola Livre de Sociologia e Política e a Universidade de São Paulo, Oracy Nogueira (1917-1996), Antonio Cândido (1918-2017) e Florestan Fernandes (1920-1995).

sociais.<sup>3</sup> A Capital paulista, que alcançara *status* de epicentro econômico do país, fazia também as vezes de nascedouro das ciências sociais acadêmicas. Inferido um nexos causal entre as transformações de ordem econômica ocorridas na cidade, por conta da industrialização – em suas implicações políticas, sociais e demográficas – e tal irrupção universitária, o fomento às ciências sociais consistiria em uma “reação mental” (MORSE, *op. cit.*) necessária à compreensão do novo panorama paulistano. Porém, não como edificação de conhecimentos circunscritos aos intramuros das academias, senão como atendimento às demandas de formulação de novas políticas públicas, mediante pesquisa social, com o objetivo de organizar as relações que se plasmavam no compasso das alterações produtivas. Para tanto, sanando desajustes daí oriundos e assim consistindo em “uma teoria e uma práxis social de caráter corretivo” (*Idem*). Nesse sentido, à ELSP caberia a formação das futuras elites técnicas das esferas pública e privada (MATTOS, 2007, p. 53). Por isso, a proposta de ensino desta Escola contrastaria com a da USP: se nesta preponderava o tom catedrático das formulações teóricas, na primeira sobressaíam prospecções pragmáticas acerca das realidades paulistana e brasileira (*Idem*).<sup>4</sup>

Entretanto, nas assertivas de Darcy Ribeiro sobre as origens daquelas instituições, as determinações econômicas pesam menos do que causalidades de ordem política. Segundo ele, ELSP e USP “foram criadas depois da Revolução de 1932 para dar luzes aos paulistas sobre sua derrota e sobre seu futuro” (*Idem*). Destarte, Ribeiro reverbera discursos de Roberto Simonsen, líder da Federação das Indústrias de São Paulo e seu ex-professor de economia na ELSP. Simonsen aludia ao ensino superior em ciências sociais como um reerguimento da dignidade paulista, avassalada em 1930 com a perda da ingerência política sobre país, e uma vez mais abalada em 1932, com a derrocada na Revolução Constitucionalista. Em prefácio a obra de 1938, argumentara que

Em princípios de 1933, numa atribulada fase da vida paulista, considerável plêiade de intelectuais lançava, nesta cidade, um manifesto que se há de tornar memorável com o correr dos tempos. Nesse documento, demonstravam que não tendo podido

---

<sup>3</sup> A título de exemplo, uma observação afirmando que, ao se considerar aquele período, “A sociologia não deve ser vista como disciplina, mas como matriz de visões da questão social.” (MORSE, *op. cit.*, p. 134)

<sup>4</sup> Sobre a correlação entre as duas instituições de ensino, cumpre referir que, em princípio criadas em separado e independentes, em 1938 a ELSP tornar-se-ia instituição complementar à FFLCH-USP. Portanto, quando do ingresso de Darcy Ribeiro na ELSP, em 1944, ambas já se encontravam conjugadas. Mesmo assim, Ribeiro afirmaria mais tarde as marcas da distinção genésica das instituições: “A Escola, criada por empresários liderados por Roberto Simonsen, foi entregue a professores norte-americanos (...). [...] A Faculdade, criada sob o olhar zeloso dos Mesquita, do *Estadão*, foi entregue aos franceses (...).” (RIBEIRO, 2012b, p. 113)

ver triunfante pela força das armas o seu ponto de vista, compreendiam, mais do que nunca, a profunda desarmonia entre as nossas aspirações e a realidade político-econômico-social do país. Pregavam a urgente necessidade de se criarem escolas de formação de “elites”, em que se divulgassem as noções de política, sociologia e economia, despertando de criando uma consciência nacional, capaz de orientar a administração pública, de acordo, com a realidade do nosso meio, concorrendo, assim, para fazer cessar, dentro do Brasil, a incompreensão reinante, de que São Paulo era, e é, a vítima principal. (SIMONSEN, 2005, p. 33).

O texto de Simonsen menciona o *Manifesto* de fundação da Escola Livre de Sociologia e Política.<sup>5</sup> Para mais, ratifica o viés formativo de quadros administrativos impingido à ELSP, destinados a atuar tanto em São Paulo quanto em outras partes do Brasil. Como se, em não podendo restaurar o predomínio político nacional no campo bélico, São Paulo dispusesse seus capitais a um projeto de retomada do poder pelo aprimoramento do intelecto, espalhando seus rebentos pelo país. Todavia, se verossímil o projeto<sup>6</sup>, na década seguinte este já não se mostraria com tanta nitidez, ocorrendo um distanciamento da ELSP dos anos 1940 em relação às intenções que, segundo Simonsen e Ribeiro, tê-la-iam originado. As fundações de ELSP e FFLCH-USP tiveram o incurso de professores estrangeiros. De uma “missão francesa”<sup>7</sup> se compôs o corpo docente da Faculdade uspiana. Quanto à ELSP, de

---

<sup>5</sup> “Eis as ‘idéias dominantes’ do Manifesto: a) verificação da necessidade de uma elite intelectual e técnica, b) devidamente qualificada em ciências sociais, c) pensando e agindo harmoniosamente com o interesse da expansão econômica do Estado e do País, d) com a função de orientar e dirigir essa expansão.” *Panorama geral*, em colaboração com Édison Carneiro. In: *As Ciências Sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Série Estudos e Ensaio, n. 6. CAPES: 1955, p. 15-17 apud CHACON, *op. cit.*, p. 100. Note-se que, quanto à “expansão econômica”, o “Estado” se situa antes do “País” no *Manifesto*.

<sup>6</sup> O condicional decorre da consideração a uma discrepância entre os discursos de Darcy Ribeiro e Roberto Simonsen e parte da bibliografia consultada: “A urgência de pesquisas sociológicas empíricas, entre nós, foi um dos subprodutos da Renovação nacional eclodida em 1930 (...). L. A. Costa Pinto entendeu-o muito bem, nestas suas conclusões: ‘O surto das ciências sociais no Brasil, na década que se conta a partir de março de 1930, resultou de um esforço no sentido de tomar consciência crítica e científica dos problemas que se formavam no mosaico brasileiro’. O referido impulso ‘não só representou talvez o mais fecundo legado intelectual daquela fase, mas, também, significou um esforço sério e objetivo, feito pelas elites dirigentes, no sentido da análise e compreensão dos nossos problemas, da formação de quadros profissionais habilitados a usarem as ciências humanas como ferramentas de Progresso social e, finalmente, de buscar no estudo científico dos fenômenos sociais as bases da Integração nacional e a orientação para o que deveria ser a futura trajetória da Nacionalidade’. Não nos parece haver melhor síntese, que a que segue. ‘Neste sentido é que estão ligados, como fases do mesmo processo, a difusão do ensino secundário de ciências sociais estabelecido na Reforma (Francisco) Campos, a criação da Universidade do Distrito Federal, ou da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo ou da Escola de Sociologia e Política, de um lado – e, de outro, a organização do Departamento Municipal de Cultura em São Paulo, a fundação do IBGE ou a inauguração da ‘Coleção Brasileira’, na Companhia Editora Nacional.’” CHACON, *op. cit.*, p. 99-100. Como se percebe, para Vamireh Chacon, citando Costa Pinto, a profissionalização das ciências sociais em São Paulo seria antes resultado e parte indissociável da política de modernização do país implantada a partir de 1930 do que “revanchismo” por parte daquele Estado.

<sup>7</sup> “A missão francesa contratada para inaugurar as atividades docentes na Universidade de São Paulo (USP), criada em 1934, deve ser entendida como um desdobramento da vigorosa política cultural e científica empreendida pela França na América Latina, e que se intensifica no Brasil, a partir de 1908, pela atuação de Georges Dumas, porta-voz do *Groupement des Universités et Grandes Écoles de France pour les relations avec l’Amérique Latine* (1907-1940). [...] Os laços pessoais estabelecidos entre Dumas e Júlio de Mesquita Filho – líder do grupo do jornal *O Estado de S. Paulo* e principal mentor do projeto universitário paulista – ao lado da

início achegaram-se professores como o etnólogo alemão Herbert Baldus e, pouco tempo depois, o sociólogo estadunidense Donald Pierson.<sup>8</sup> Diz-se que seu ingresso, em 1939, acarretou “uma nova orientação ao projeto pedagógico da Escola” (LÔBO; VOGA; TORRES, 2008, p. 19). Consoante à formação de Pierson em Chicago, essa nova orientação ampliou o leque temático da sociologia, incorporando os à épocas denominados estudos de contato racial e cultural, que desembocariam nos “estudos de comunidade”.<sup>9</sup> Consequentemente, passam a

---

francofilia reinante entre os membros das elites ilustradas brasileiras, são outros fatores a explicar a escolha de franceses para compor o corpo docente da universidade no domínio das humanidades.” FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *A missão Francesa na Universidade de São Paulo*. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/francebr/intercambios.htm>> Acesso em: 18 de janeiro de 2019. A descrição converge com as memórias de Darcy Ribeiro quanto à influência francesa na FFLCH-USP e o papel desempenhado pela família Mesquita. Estendendo-se a presença francesa até os anos 1940, parece verossímil a assertiva de Darcy Ribeiro sobre a identidade da FFLCH à época, contraposta à inspiração norte-americana da ELSP. Note-se que um nome como o de Claude Lévi-Strauss ainda não havia angariado tanto destaque no âmbito da Antropologia quanto viria a ter nos anos subsequentes ao período de trabalho em São Paulo. A respeito de Lévi-Strauss, cuja partida se dera antes de sua chegada à cidade, diz Ribeiro: “Suspeito, e não estou brincando, que Lévi-Strauss veio aprender antropologia no Brasil com os nossos índios e os livros da Escola de Sociologia e Política (...) [...] O jovem sábio Lévi-Strauss era mais filósofo do que antropólogo. Saía de sua vertente cultural franco-alemã para passar, naqueles anos, à vertente norte-americana. Essa mistura feita em São Paulo é que, depois, entroncada com a linguística, deu no estruturalismo” (RIBEIRO, 2012b, p. 109). Além de aludir às expedições etnológicas de que Lévi-Strauss também se ocupara no Brasil durante os anos 1930 rendendo-lhe notoriedade ao regressar à França, Ribeiro parece querer identificá-lo menos com a FFLCH-USP do que com a ELSP, ainda separadas quando da presença daquele.

<sup>8</sup> Os dois são os professores mais rememorados por Darcy Ribeiro. Sobretudo Baldus, cuja influência sobre sua formação se analisará a seguir. Quanto a Pierson, cabe registrar que foi o responsável pelo ingresso de Ribeiro na ELSP: “Estava muito enfronhado, então, no movimento estudantil do diretório central de Minas e na criação da UNE no Rio. [...] Essa conjuntura me deu a possibilidade de convidar várias personalidades para dar conferências aos universitários de Belô. Entre eles, (...) Donald Pierson, eminente sociólogo norte-americano. [...] Pierson passou vários dias comigo, visitando as velhas cidades mineiras. [...] Acabou me oferecendo uma bolsa de estudos para a Escola de Sociologia e Política de São Paulo.” (RIBEIRO, 2012b, p. 81)

<sup>9</sup> Alguns anos antes de vincular-se à ELSP, Donald Pierson estivera na Bahia realizando pesquisas empíricas no escopo dos estudos de contato racial e cultural, entre 1935 e 1937. Dessas pesquisas se fez sua tese de doutorado em sociologia na Universidade de Chicago, em 1939, que resultaria no livro *Negroes in Brazil, a Study of Race Contact at Bahia*, de 1942. Esse tipo de estudo estava em voga, desde os anos 1920, em razão dos trabalhos de um grupo de sociólogos e antropólogos conhecido como a “Escola de Chicago” daquela universidade, tais como Robert Redfield e Robert E. Park, em geral identificada com a sociologia urbana. Para a consecução desses estudos, os pesquisadores de Chicago lançaram mão do método etnográfico, fazendo observação direta em áreas de cidades e nestas identificando grupos a partir de características “ecológicas” constitutivas dos mesmos. Em não sendo estudos apenas sociológicos, no domínio da Antropologia pode-se exemplificar de Chicago a obra *Sociedade de Esquina*, de William Foote Whyte, publicada em 1943. Credita-se a Pierson a introdução desses estudos no Brasil. A “Ecologia Humana”, sobre a qual organizou um livro em 1942, abriu caminho para os “estudos de comunidade”, que marcam as primeiras produções significativas das Ciências Sociais institucionalizadas no país. Estes são definíveis como uma modalidade de pesquisa pela qual se seleciona uma comunidade, tomada sua localização espacial como determinante à estruturação da vida social, para uma investigação pormenorizada. No caso brasileiro, os estudos inspirados por Chicago muitas vezes distanciaram-se dos grandes centros urbanos, a exemplo de *Cruz das Almas: A Brazilian Village*, também obra de Pierson, publicada em 1951. Pode-se igualmente arrolar a já referida *Os parceiros do Rio Bonito*, de Antonio Cândido, voltada à investigação sobre uma comunidade rural do interior de São Paulo. Em relação a Donald Pierson e a introdução dos estudos à Chicago no Brasil, ver: MENDOZA, Edgar S. G. *Donald Pierson e a escola sociológica de Chicago no Brasil: os estudos urbanos na cidade de São Paulo (1935-1950)*. Porto Alegre, Revista Sociologias, n. 14, 2005, p. 440-470.



existir na Escola maiores preocupações com as pesquisas de campo.

Essa inserção de novos estudos é sintomática de uma atualização da instituição em face do desenvolvimento das ciências sociais nos Estados Unidos, o que fundamenta a orientação norte-americana atribuída à Escola pelas memórias de Darcy Ribeiro. A diversificação temática e a ênfase em pesquisas de campo resultariam em um aprimoramento da formação, significando modificações em relação à ELSP de 1933. O incremento dos estudos de comunidade direcionou o olhar dos cientistas sociais em formação, sob a batuta de Pierson, para além de São Paulo, em seu feitiço urbano-industrial. Suas perspectivas de pesquisa estenderam-se a outras regiões do país. Disso pode advir o afastamento da Escola, no divisar dos anos 1940, em relação ao papel a ela originalmente atribuído por Simonsen e seus pares (MORSE, *op. cit.*, p.14). Diante dessa renovação, aos novos cientistas sociais desinteressou a probabilidade de vir a compor elites técnicas e administrativas, na mesma proporção em que os cativaram as possibilidades de carreiras científicas que já se deixavam entrever. Por conseguinte, a ELSP que receberia Darcy Ribeiro em 1944, transcorridos mais de dez anos desde a sua fundação, encontrava-se em uma fase distinta da inicial, em termos epistemológicos e, cabe afirmar, políticos.

### **A “descoberta” do Brasil e a militância comunista**

Por força de um estímulo de Donald Pierson à realização de uma formação em ciências sociais, deflagrou-se o deslocamento de Darcy Ribeiro de Minas Gerais a São Paulo. Contudo, mesmo que tivesse a Escola Livre de Sociologia e Política por fulcro, entre 1944 e 1946, não apenas ao redor dela orbitaria sua vida ao largo daquele triênio paulistano. O mergulho na competência científica ofertada pela Escola se fez acompanhar da imposição de uma carga de leituras que extrapassava a bibliografia das disciplinas de seu curso. Desta carga decorreria uma “descoberta” do Brasil pelo então estudante. Além disso, no entorno da ELSP pulsava a vida de uma cidade industrializada, palco de lutas operárias havia décadas. Isso comporia para Ribeiro um cotidiano dividido entre as aulas na Escola e a militância no Partido Comunista Brasileiro. Consta das suas memórias uma percepção de contraste intelectual entre Minas Gerais e São Paulo:

A Escola de Sociologia e Política me contentou. Tinha professores excelentes, em tudo diferentes, até opostos, aos de Minas. Enquanto lá a tendência era para a erudição vazia, enfermidade principal da inteligência mineira, que tudo quer ler, de tudo quer saber, por pura fruição, em Sampa a coisa era séria. Ninguém buscava erudição. Lia-se o que fosse preciso, funcionalmente, como sustento do tema que se

procurava dominar. A ciência não era um discurso fútil, especulativo, imaginoso, mas um exercício sério da inteligência verrumando a superfície do real. (RIBEIRO, 2012b, p. 110)

O depoimento converge com o referido aprimoramento da Escola nos anos que antecederam ao seu ingresso. Nesse sentido, Ribeiro aludiria a um elevado ideal científico que acabara por adotar, incentivado por São Paulo, mudando os rumos da existência de um menino interiorano de Minas Gerais, “destinado a boiadeiro” (*Idem*, p.112). De fato, a ELSP e a ambientação naquela cidade foram decisivas à formação de seu pensamento. Entrementes, para a elaboração das ideias e obras que viriam a situá-lo entre os principais intelectuais brasileiros, concorreram menos as disciplinas regulares da Escola do que uma série de leituras extracurriculares, em que pese a determinação de tais leituras desde o interior da própria ELSP:

Mais tarde nos surgiu Mário Wagner Vieira da Cunha, que chegava dos Estados Unidos (...). [...] Associou-se ao professor Pierson para elaborar uma bibliografia crítica da literatura e da ensaística brasileira de interesse sociológico. Como eu tinha bolsa de estudos que obrigava ao trabalho, fui chamado a colaborar com eles, fazendo fichas sobre dezenas de livros. Foi então que li a sério os romances e os estudos brasileiros que possivelmente me fizeram mais bem que todo o curso. Enquanto as aulas de ciências sociais me arrastavam para fora em esplêndidas construções teóricas, aquela bibliografia me puxava para dentro do Brasil e das brasilidades, me dando matéria concreta para nos pensar, como povo e como História. (*Ibidem*, p. 110-111)

Eis que, a partir disto, se possa verificar um recorte peculiar de sua formação. Esses livros e seus respectivos autores não eram conteúdos obrigatórios do curso de ciências sociais, passando ao largo das leituras exigidas dos alunos da ELSP. Para o bolsista Darcy Ribeiro, diversamente, converteram-se em “matéria concreta” para fomentar uma “descoberta” do Brasil. Compreendendo literatura ficcional e ensaios, os textos remontavam à produção de uma intelectualidade brasileira situada entre os séculos XIX e XX:

Li não apenas o ciclo de romances regionalistas e coisas do gênero, como também Sílvio Romero, Capistrano, Oliveira Vianna e outros autores. Isso foi muito importante, pois assim tomei contato com o pensamento brasileiro, que no meu curso jamais seria objeto de interesse, senão, talvez, como exemplos desprezíveis de filosofia social. Obrigado pela bolsa, tive de me inteirar dos estudos brasileiros. Não somente no campo da ficção, mas também na ensaística, inteirando-me assim de algum modo – ainda que precariamente – dos esforços dos brasileiros para compreenderem a si mesmos. (RIBEIRO, 2012 a, p. 35)

Portanto, a chamada “descoberta” do Brasil se fez pelo conhecimento de um extenso conjunto de discursos sobre o país. Nos moldes desse conjunto se engendraria sua produção intelectual: voltada à procura da identidade nacional, para isso lançando mão da literatura, fazendo-a coexistir com teorias sociais ou mesmo tomando seu lugar, quando se invoca um



futuro Darcy Ribeiro autor de romances e membro da Academia Brasileira de Letras. A propósito dessa procura, ao discorrer sobre Gilberto Freyre<sup>10</sup>, Darcy Ribeiro afirmaria que

Gilberto não só se manteve independente, sem se fazer seguidor de nenhum mestre estrangeiro, mas se fez herdeiro de todos os brasileiros que se esforçaram por nos compreender. Ao contrário do que ocorreu com as ciências sociais *escolásticas* introduzidas no Brasil por franceses e norte-americanos – que floresceram como transplantes, ignorando solenemente, como um matinho à toa, tudo quanto floresceu antes delas – Gilberto Freyre é herdeiro e conhecedor profundo de Joaquim Nabuco, de Sílvio Romero, de Euclides da Cunha, de Nina Rodrigues, cujas obras leu todas, apreciou o que nelas permanece válido, utilizou amplissimamente e levou adiante. [...] Observe-se que não falo aqui de afinidades e consonâncias com teses enunciadas antes. Falo de algo mais relevante, que é o prosseguimento do esforço coletivo de ir construindo, geração após geração, cada qual como pode, o edifício do autoconhecimento nacional. Ninguém pode contribuir para ele, é óbvio, se não conhece a bibliografia antecedente. E isso é o que ocorre com a generalidade. (*Idem*, p. 108)

Sua manifestação apresenta uma crítica a ELSP e USP, em razão de estas supostamente menoscabarem interpretações produzidas no Brasil. Contudo, justamente através da ELSP ocorrera seu primeiro contato com tais interpretações. Além disso, chama a atenção a menor importância atribuída às “afinidades e consonâncias com teses enunciadas antes” do que ao “prosseguimento” na construção do “autoconhecimento nacional”. Ribeiro querará dizer com isso que, de Freyre, se fez menos útil apreender suas ideias do que inspirar-se em uma atitude indagativa que colocava o Brasil na berlinda, estendendo-se esse princípio à apreciação de outros intelectuais do passado. Assim é que se, por um lado, Darcy Ribeiro enaltece a própria formação em ciências sociais, por outro, exalta intelectuais brasileiros prógonos que, muitas vezes, careceram dessa formação específica.<sup>11</sup> De toda forma, não se desprende daquele enaltecimento a ausência de críticas à institucionalidade acadêmica paulistana. Ao contrário: Ribeiro chegaria a declarar que, passado o primeiro impacto da disparidade intelectual entre São Paulo e Minas Gerais, as diferenças entre uma e outra realidade já não lhe pareciam tamanhas:

A Escola de Sociologia e Política de São Paulo era, durante a guerra, um dos melhores centros de estudo de ciências sociais que se podia encontrar fora dos Estados Unidos. Obviamente, tudo era muito mais avançado do que o ambiente tacanho de Minas, de onde viera. Eu, pobre estudante mineiro, querendo ser

---

<sup>10</sup> No correr dos anos, Darcy Ribeiro não pouparia elogios a Gilberto Freyre, sendo este um autor basilar à sua “descoberta” do Brasil. “Dos cientistas sociais modernos do Brasil, só Gilberto Freyre, com Casa Grande e Senzala, de fato me empolgou.” (RIBEIRO, 2012a, p. 37)

<sup>11</sup> Essa descrição não se aplica tanto ao caso de Gilberto Freyre, que tivera formação antropológica, ainda que fora do Brasil, em Columbia; possivelmente por isso Darcy Ribeiro o situe entre os “cientistas sociais modernos do Brasil”. Ou ao caso de Sérgio Buarque de Holanda, que estudara na Alemanha a sociologia de Max Weber.

aplicado, mergulhei naquilo que, para mim, era a própria sabedoria. Na verdade, mais tarde percebi, tratava-se de uma técnica moderna com respeito à erudição arcaica de que eu saía, mas igualmente alienadora. (RIBEIRO, 2012b, p. 112-113)

O discurso ambíguo sobre a Escola serve, por certo, como justificativa *a posteriori* para seu ingresso no PCB, que lhe propiciou uma rotina de militância paralela à dos compromissos acadêmicos. Darcy Ribeiro se reporta à filiação ao partido como uma forma de libertação em relação à academia:

Nessa época, o risco que corri foi o de ficar tão embasbacado pela doutrina nova, em moda, que não pudesse nunca mais me libertar dela. Livrei-me graças ao Partido. Militante que era, me entreguei a um marxismo larvar, mas na realidade o importante é que eu militava como ativista. Apesar de todo o dogmatismo stalinista que imperava então, os comunistas atiçaram meu fervor utópico, fazendo ver a realidade brasileira como a base de um projeto de criação de uma sociedade solidária. (*Idem*)

Em pleno Estado Novo, sua militância se fez, primeiramente, de forma clandestina. Aos jovens estudantes pecebistas cabia a tarefa de cooptar trabalhadores, ao tempo em que o governo de Getúlio Vargas tutelava os sindicatos. Mais tarde, com a redemocratização do país repercutindo na legalização do partido, Ribeiro vem a trabalhar na campanha eleitoral de Caio Prado Junior como candidato a deputado estadual, em 1945. O contato com intelectuais ligados ao PCB, como Caio Prado, fez desenvolver um “marxismo larvar” no estudante de ciências sociais que lera, ainda em Belo Horizonte, *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, de Friedrich Engels<sup>12</sup>. Mas, na ELSP, não eram comunistas seus memoráveis mestres.<sup>13</sup> Entre a Escola e o Partido, terá o segundo conferido mais sentido à leitura de Engels. Entretanto, antes desta, Darcy Ribeiro fizera outra, que o levaria ao comunismo através de um “veio romântico” (*Ibidem*, p. 70), fundamental, dado que os comunistas

---

<sup>12</sup> A leitura de Engels se fizera, em 1942, na esteira de sua aproximação com comunistas naquela cidade, à qual chegara em 1939. Darcy Ribeiro relata que, naquela primeira experiência universitária ainda em Minas Gerais, os colegas do curso de medicina apresentavam-lhe Getúlio Vargas como “um ditador cruel”, e que passaria a partilhar dessa visão (*Ibidem*, p. 70). Além disso, não obstante a prisão de Prestes, desde 1935, e o banimento de Vargas ao integralismo em 1938, Darcy rememora o ambiente intelectual da Belo Horizonte de 1939 marcado pelas disputas entre comunistas e integralistas: “Passei a ser disputado pelos integralistas e pelos comunistas. Corri grandes riscos de cair nas mãos de Plínio, porque o seu povo andava com as mãos cheias de livros novos. Histórias contando escandalosamente o que fora a República brasileira. Denúncias veementes sobre os sofrimentos atrozos que os banqueiros judeus infligiam ao mundo. O despotismo do império inglês, que se apossara de metade da humanidade só para explorá-la. Muita coisa mais, altamente informativa, sobre os minérios do Brasil, o petróleo de outras desgraças.” (*Ibidem*)

<sup>13</sup> “Pierson só tinha uma tristeza na vida. Seus melhores alunos, Oracy, Florestan e eu, tinham, para seu paladar, um intragável sabor comunista.” (*Ibidem*, p. 111)

Falavam de tudo em tese, secamente. Por fortuna, havia o livro de Jorge Amado sobre Prestes, O cavaleiro da esperança. Preso havia dez anos numa cela triangular, sem falar com ninguém contando todos os dias os tijolos do chão e fazendo contas de cabeça com eles para não ficar louco. (*Ibidem*)

Portanto, sua filiação ao PCB paulistano se fez menos pelo descontentamento com a formação conferida pela ELSP do que em nome de um interesse prévio pelo comunismo, já trazido da Capital mineira. Esse interesse articulava a admiração pela figura de Prestes, desenhada por Jorge Amado, com a apreciação de notícias sobre a guerra que acontecia na Europa. Assim, em 1945, “Luís Carlos Prestes saíra da cadeia depois de dez anos com aura de herói, tanto maior porque sobre ele se projetava a vitória da URSS na guerra, que salvara o mundo do milênio hitlerista” (*Ibidem*, p. 121). Porém, a derrota do nazi-fascismo, a libertação de Prestes e a legalização do partido, à medida que o Estado Novo declinava, não o manteriam na militância. Darcy Ribeiro se afasta do PCB em 1946, mediante uma licença que se revelaria definitiva. De todo modo, além da experiência junto a Caio Prado Junior, o pecebismo ensejara sua aproximação, mais ou menos direta, com outros intelectuais paulistanos ou residentes em São Paulo, comunistas e afins, para além do que possibilitaria o círculo de relações construído na ELSP. Entre esses intelectuais, compunham o PCB paulistano tanto o Jorge Amado de sua leitura sobre Prestes, quanto Oswald de Andrade. Oswald é parte imprescindível à sua “descoberta” do Brasil <sup>14</sup>, em cotejo com as leituras determinadas pela bolsa de estudos. Bem como poderia ter contribuído pessoalmente com essa descoberta o outro Andrade modernista, Mário. Mas a tentativa de aproximação de Darcy com este esbarrou em um acirramento de ânimos, na esteira das contendas que envolviam os comunistas de então:

Meu grande interesse quando me acomodei em Sampa foi conhecer Mário de Andrade. Ele era o único intelectual brasileiro com fervores etnológicos. Havia feito estudos de observação direta em Minas, no Nordeste e na Amazônia. Como eu me encaminhava para uma carreira de etnólogo de campo, sabia que interessaria a ele falar comigo. Combinamos um encontro na Livraria Jaraguá (...). Quando eu cheguei, Mário já estava lá (...). Não quis falar com Mário porque ele estava sentado com dois adversários ferozes meus, (...), ambos troskos. O artigo 13 do Estatuto do Partido Comunista proibia qualquer convivência com os troskos. [...] Foi uma pena. Logo depois Mário morria. (*Ibidem*, p. 120)

---

<sup>14</sup> É sucinto o registro de Darcy Ribeiro no tocante a seu contato com Oswald de Andrade: “Mais tarde conheci muita gente boa do PCB, como Caio Prado, o grande historiador. O romancista Oswald de Andrade, Monteiro Lobato, Artur Neves e muitos outros.” *Ibidem*, p. 106. Em contraste com a superficialidade do relato, Oswald viria a ser uma de suas mais demarcadas influências intelectuais, como atestará seu romance *Utopia Selvagem*, publicado em 1982, de franca inspiração oswaldiana.

Fomentando a proximidade com certos intelectuais e suas ideias, a coadunação entre São Paulo e PCB, nesse caso, teve também efeito reverso. Não obstante lembrar a filiação ao partido como uma libertação do disciplinamento acadêmico da ELSP, Darcy Ribeiro acataria obedientemente o regramento imposto pelo partido, em que pese a atitude atribuída à sua autoimagem pretérita de independência frente às instituições, confirmada pela alcunha de “indisciplinado” que lhe seria conferida tantos anos depois (BOMENY, 2001). Vale ainda ressaltar, do relato sobre o encontro frustrado com Mário de Andrade, a indicação de seu encaminhamento para os estudos em etnologia.

As motivações para a transferência voluntária de Darcy Ribeiro, do concreto da Capital paulista ao Pantanal e à Amazônia, demandam certa consideração. Mesmo que a sociologia ocupasse lugar central na ELSP, fato evidenciado desde o nome completo da Escola até a proeminência do sociólogo Donald Pierson na condução de seu projeto pedagógico, ainda assim a opção de Darcy pela etnologia<sup>15</sup> não deve causar estranhamento. Nas pesquisas sociológicas ao estilo de Chicago, o método etnográfico se fazia constante, e os estudos de comunidade delas oriundos se prestavam tanto à análise de recortes da urbanidade paulistana quanto dos interiores do Brasil. Nesses estudos, que davam o tom das ciências sociais produzidas no país, sociologia e antropologia se interpenetravam, indiferenciando-se na empiria das investigações. Diante disso, incorreria em reducionismo interpretar a opção etnológica de Ribeiro superdimensionando subjetividades suas. Mesmo porque, similar opção pode ser constatada no exame das trajetórias de vários de seus pares geracionais:

Nos anos 40, já estava claro que o levantamento de dados a respeito do processo de urbanização e industrialização, à maneira britânica, mesmo se modernizando através dos métodos americanos, não proporcionava uma abordagem adequada da problemática. As investigações puramente estatísticas logo foram relegadas aos funcionários públicos, e os jovens cientistas sociais voltaram-se para a antropologia e a psicologia social, passando a pesquisar os ameríndios e os afro-brasileiros, a assimilação dos migrantes estrangeiros e regionais, as comunidades rurais. (MORSE, *op. cit.*, p.152)

---

<sup>15</sup> Darcy Ribeiro se define como etnólogo à época das pesquisas junto a grupos indígenas, e como antropólogo décadas depois, após criar uma teoria própria, a respeito da qual se discorrerá a seguir. Mas, em geral, trata etnologia e antropologia como sinônimos. Etnologia e antropologia podem se definir como etapas sucessivas e complementares da construção de um tipo de conhecimento. Todavia, a correlação entre ambas é controversa. A problemática faz aumentar se se considerar que em muitos de seus trabalhos de campo, dominados pela coleta de dados mediante descrições, antes de interpretá-los, Darcy – embora não empregue o termo em seus escritos – poderia estar praticando etnografia, etapa prévia à etnologia, segundo autores como Lévi-Strauss. Sobre definições e correlações entre etnografia, etnologia e antropologia, inclusa a referência a Lévi-Strauss, ver: GONÇALVES, Alice F. *Etnografia, Etnologia & Teoria Antropológica*. João Pessoa, Revista de Ciências Sociais, n. 44, 2016, p. 247-261.

Especialmente quanto à tomada dos “ameríndios” por objeto de estudo, torna-se apropriado retomar o argumento do “florescimento de uma imaginação sociológica” pelo “adubo” modernista sobre o terreno paulistano, em tempo pregresso à profissionalização das ciências sociais. Assim, à formação científica ter-se-ia somado uma curiosidade de cunho primitivista acerca do Brasil, dada pelas pesquisas de Mário de Andrade ou pelo *Manifesto Antropófago* de Oswald. Com efeito, é dito que, uma vez formados e “embora criticassem o narcisismo e a ingenuidade política dos poetas, os cientistas sociais retomavam os primeiros tópicos que haviam fascinado os modernistas” (*Idem*). Em intelectuais como Oswald e Mário estaria, portanto, a inspiração para a pesquisa relativa aos povos originários. Faz falta a essa interpretação, contudo, o concurso de um elemento mais imanente para aclarar as origens do pendor etnológico dos jovens cientistas sociais dos anos 1940, e este elemento corresponde ao influxo exercido por Herbert Baldus, o responsável por introduzir seminários de etnologia indígena na ELSP.

### **Etnologia e indigenismo sob tríplice influência: Herbert Baldus, Cândido Rondon e Sérgio Buarque de Holanda**

Impõe-se averiguar o lugar da etnologia na formação conferida pela ELSP. A isto é fundamental considerar o papel desempenhado por Herbert Baldus naquela instituição. Como dito, a preponderância pedagógica de Donald Pierson e a prevalência da sociologia não equivalem à inexistência de espaços para o desenvolvimento de outras ciências sociais na Escola. Logo, ao modo de uma demarcação de fronteiras disciplinares, Baldus acrescentou ao currículo da Escola seminários de etnologia indígena, frequentados por alunos como Darcy Ribeiro e Florestan Fernandes:

O melhor professor que tive foi Herbert Baldus, poeta prussiano e etnólogo apaixonado de nossos índios. Frequentei por três anos seu seminário pós-graduado de etnologia brasileira. Tanto falavam ele como os mestrandos que estavam escrevendo dissertações. Ouvi ali e discuti toda a excelente monografia de Egon Schaden sobre a mitologia heroica dos Guarani e o ensaio fantástico de Florestan Fernandes sobre a organização social tupinambá. Aprendi muito com Baldus. Aprendi sobretudo a fazer meu seu ideal científico de estudar a natureza humana pela observação dos modos de ser, de viver e de pensar dos índios do Brasil. (RIBEIRO, 2012b, p.111-112)

Tendo durado três anos aquela formação em ciências sociais, depreende-se que ao longo de todo o período Ribeiro esteve presente aos seminários de Baldus. Essa assiduidade é raiz do caráter etnológico de seus primeiros anos de trabalho, após formar-se pela Escola.

Também naqueles seminários se encontra seguramente a origem da primeira obra de relevo de Florestan Fernandes, *A organização social dos Tupinambá*, de 1948, tal como de sua *A função social da guerra na sociedade Tupinambá*, de 1950. Porém, ao passo que Fernandes se distanciaria da temática indígena nos anos subsequentes, vinculando-se à sociologia e à docência na USP junto a Roger Bastide, Darcy Ribeiro realizaria trabalhos de observação direta da vida tribal ao largo do quase decênio compreendido entre 1947 e 1956.

Sua inserção na vida tribal se realizaria a serviço da Seção de Estudos do Serviço de Proteção aos Índios <sup>16</sup>, órgão no qual ingressou portando uma carta de recomendações escrita por Herbert Baldus. Baldus possuía vínculos com o marechal Cândido Rondon, fundador do Serviço. Há, por conseguinte, um ponto de confluência entre Ribeiro, Baldus e Rondon. Darcy Ribeiro passaria a ter sua imagem atrelada a Rondon, considerando-se o grande herdeiro de seu indigenismo <sup>17</sup>, dado que no trabalho junto ao SPI transpôs os limites epistemológicos da etnologia para adentrar a senda da luta pela preservação dos povos indígenas. Em seus discursos, por décadas afora – proferidos dos púlpitos da carreira política ou impressos sob a forma de livros, ou ainda em declarações à imprensa –, se fixaria uma espécie de deontologia relativamente aos contingentes indígenas do país, chamando tanto estudiosos quanto autoridades políticas à responsabilidade para com a sua preservação.<sup>18</sup> Sem

---

<sup>16</sup> Darcy Ribeiro ingressou na então recentemente criada Seção de Estudos do SPI. Fundado em 1910 como Serviço de Proteção aos Índios e Localização dos Trabalhadores Nacionais (SPILTN), o órgão vinculava-se ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio e fora organizado pelo Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon. Rebatizado em 1918 como Serviço de Proteção aos Índios (SPI), nos anos 1940 o Serviço vinha buscando trabalhar mediante um maior aprimoramento intelectual de seus quadros. Nesse sentido, houve uma intersecção entre a criação da sua Divisão de Estudos, criada em 1943, e a profissionalização das ciências sociais em curso no Brasil. Por isso, a Seção incorporou jovens recém-formados, como Darcy e Eduardo Galvão, substituindo a “antiga ideologia positivista, considerada já superada, por uma orientação científica moderna” MATTOS, op. cit., p. 75. Sobre a história do SPI e sua atuação entre 1910 e 1967, quando substituído pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), ver: SOUZA LIMA, Antonio C. *O governo dos índios sob a gestão do SPI*. In: CUNHA, Manuela C. da (Org.) *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 155-172.

<sup>17</sup> Embora empregado por Darcy Ribeiro para caracterizar a atuação de Cândido Rondon junto aos índios, incluindo nesta a criação do SPI, em 1910, o termo indigenismo se originara fora do Brasil e se disseminara somente a partir da década de 1940: “foi o México que pôs no mapa da nossa disciplina esse campo tão fértil da antropologia profunda. Desde os anos 1940, marco importante na sua história, o indigenismo tem desvendado todo um mundo empírico e teórico sobre as relações extremamente desiguais entre os povos indígenas e os Estados-nações, especialmente, na América Latina”. RAMOS, Alcida R. *Indigenismo: um orientalismo americano*. Brasília, Anuário Antropológico, 2011-I, 2012, p.

<sup>18</sup> Exemplo disso é uma entrevista coletiva de Darcy Ribeiro, em 1978, acusando a Maurício Rangel Reis, ministro do Interior do governo Ernesto Geisel. Reis tentava regulamentar, por decreto presidencial, a emancipação jurídica das comunidades indígenas, esta tenazmente combatida por Ribeiro: “O Ministro Rangel Reis declarou à imprensa que pretende processar-me através do Procurador-Geral da República, em razão de minhas declarações em defesa dos índios na última reunião da SBPC, em São Paulo. Quero dar aqui maiores



embargo, essa passagem da etnologia ao indigenismo não se fez exclusivamente em nome de seu vínculo com Rondon. Como referido, Herbert Baldus é recordado por Darcy Ribeiro como “poeta prussiano e etnólogo apaixonado de nossos índios”. Sua atitude fora, como viria a ser a do ex-aluno, a de direcionar o estudo à defesa dos povos indígenas. Dessa feita, a primeira ligação de Ribeiro com o indigenismo, antes do contato com Rondon, fez-se ainda dentro da ELSP, nos seminários de etnologia, como é dado perceber na transcrição do trecho de uma aula de Baldus:

Tendo-se chegado à conclusão de que as instituições e a mentalidade dos índios merecem respeito e, quando cheios de vitalidade, devem ser conservadas e desenvolvidas (...) aparece então em cena o etnólogo. [...] O etnólogo assume um papel da mais alta responsabilidade, dependendo dele – e unicamente dele – a sorte de povos inteiros. (BALDUS apud PASSADOR, 2002, p. 92)

Porém, o interesse de Herbert Baldus pelos os índios brasileiros é ainda anterior a essas aulas ministradas nos anos 1940. Consta que nos anos 1920, antes de se fixar definitivamente no Brasil, o alemão transitou entre a Argentina e São Paulo, realizando uma expedição cinematográfica de nome *Asa*, que o levou até o Chaco Paraguaio, onde contactou grupos indígenas (PASSADOR. Op. cit., p. 92). Esse contato o impeliu à carreira de pesquisas, medrando em si a estima pelas práticas de campo. Sua etnologia passou a ser identificada pela “crítica aos missionários, às políticas indigenistas oficiais e aos malefícios do contato; e uma defesa apaixonada dos índios e suas tradições” (Idem, p. 46). Com efeito, essas mesmas características serviriam, décadas depois, à descrição da atitude de Darcy Ribeiro, no tocante às populações indígenas.

Ainda em seus primeiros contatos com o Brasil, Baldus criticara duramente a outro alemão, Hermann Von Ihering. Diretor do Museu Paulista entre 1894 e 1916, Ihering proclamara o extermínio de grupos indígenas arredios, originando, por volta de 1908, uma polêmica que motivou a criação do SPI por Rondon como contrapartida (*Ibidem*, p. 48). Baldus, que chegaria ao Brasil alguns anos depois, ao tomar conhecimento desses fatos,

---

elementos e razões ao ministro para processar-me ou – o que seria melhor – para que se capacite do triste papel que está fazendo e volte atrás. [...] Tenho, porém, todas as razões para me opor energeticamente à ação nefasta do Ministro Rangel Reis, que se serve dos poderes do Estado para agredir e hostilizar aos mais desamparados e carentes dos brasileiros, que são os índios. Penso mesmo que cada um de nós deveria, se pudesse, processar o Ministro Rangel Reis, pelo menos junto à opinião pública, por infidelidade às nossas tradições indigenistas. O Ministro Rangel Reis é hoje, no Brasil, uma espécie de anti-Rondon. Como tal, em lugar de colocar o Estado ao lado dos desamparados e oprimidos que são os índios, se põe na defesa dos tantos inimigos particulares que os índios têm em quantos invadem seus territórios, desrespeitam suas comunidades e cobiçam suas terras”. RIBEIRO, Darcy. *Um ministro agride os índios*. In: RIBEIRO, Darcy. *Ensaio Insólitos*. São Paulo: Global, 2015, p. 135.

escreve passional e incisivamente contra Ihering e outros apologistas do extermínio indígena.<sup>19</sup> Uma consequência dessa postura foi sua aproximação com Rondon, estabelecendo-se uma relação entre ambos que resultaria na carta recomendando Darcy Ribeiro ao trabalho no SPI. Resumidamente, mais do que promotor do encontro entre o cientista social recém-formado e o velho marechal, Baldus fora introdutor da etnologia indígena na formação da ELSP e precursor do indigenismo de Ribeiro, o que se confirma em uma carta de 1948, na qual o então já ex-professor afirma àquele:

sempre desejei ver um batuta como você trabalhar em prol dos nossos índios e da etnologia brasileira, e agora faço votos que você se apodere, pouco a pouco, de todo o SPI orientando-o e daí a alguns anos, dirigindo-o. Darcy, você é minha grande esperança naquela obra a que dediquei toda a minha vida, que é salvar os índios do Brasil e ensinar ao mundo o que eles são. (MATTOS, *op. cit.*, p. 79)

Quanto a Rondon, um dos traços mais perceptíveis de sua influência sobre Darcy Ribeiro é a convicção quanto à necessidade de intervenção do Estado para o amparo das populações indígenas. Por isso é que Ribeiro, ainda nos tempo de SPI, além de realizar pesquisas etnológicas, atuaria junto aos irmãos Villas-Boas, persuadindo Getúlio Vargas a determinar a criação do Parque Nacional do Xingu, como auxiliando na elaboração do projeto de implantação deste. Seu trabalho de organização do Museu do Índio, no Rio de Janeiro, na mesma época, igualmente ressalta esse traço. Ao iniciar a carreira no SPI, Darcy Ribeiro elegera para realizar suas primeiras observações os índios Kadiwéu, do Mato Grosso. Na perquisição das razões que condicionaram essa escolha, pode-se associar um terceiro nome a exercer-lhe influência no domínio de tais pesquisas, ademais de Herbert Baldus e Cândido Rondon. Competindo a Baldus a apresentação da temática indígena a Ribeiro, foi Sérgio Buarque de Holanda quem a proveu de fundamentação bibliográfica:

Um dia nos apareceu o professor Sérgio Buarque de Holanda, vindo da Alemanha para dar aulas de história do Brasil. Uma beleza. Ele tinha lido tudo que havia sobre o Brasil. Já no primeiro encontro, falando dos índios Mbayá-Guaikuru, que eu pretendia estudar, ele citou cinco obras fundamentais de que eu nunca ouvira falar sobre os índios chaquenhos. (RIBEIRO, 2012b, p.112)

A instância mais tensa da vida de um etnólogo é a escolha dos índios que vai estudar. [...] Assim foi comigo. Tinha centenas de povos indígenas postos à minha escolha. Elegi os Kadiwéu. Já na Escola de Sociologia imaginava a possibilidade de dedicar-me ao estudo desses remanescentes dos “índios cavaleiros”. Tanto Baldus como Sérgio Buarque de Holanda me animavam nessa escolha. (*Idem*, p. 149)

---

<sup>19</sup> “Quem tem um coração humano, só pode desejar que se dem aos índios territórios próprios que nunca possam perder negando-se a qualquer branco o direito de n’elles entrar” (BALDUS apud PASSADOR, *op. cit.*, p. 47).

Procedendo que Darcy Ribeiro pretendesse de antemão estudar a esses índios<sup>20</sup>, não será menos válido asseverar o peso de Sérgio Buarque de Holanda na escolha que marca o começo da sua carreira profissional. Associadas às leituras compulsadas por obrigação da bolsa de estudos na ELSP, as obras indicadas por Holanda contribuíram à peculiaridade da sua formação, qual seja, a de elaborar ideias a partir de textos angariados de modo extracurricular. Nessa direção, Bomeny (2001, p. 42) afirma sobre Ribeiro que “o curso com Sérgio Buarque de Hollanda consolida o interesse pelo Brasil. Viajou pela história do Brasil na erudição de Sérgio Buarque (...)”. Essa “viagem pela história do Brasil” com Sergio Buarque de Holanda, associada à bibliografia por ele indicada, fomentou em Darcy Ribeiro a perspectiva diacrônica<sup>21</sup> para o estudo dos povos. Um indício disto é sua certeza quanto a serem os índios Kadiwéu a forma presente dos antigos Mbayá-Guaikuru. Outro indício é sua convicção de ter encontrado nos índios Urubu-Kaapor do Pará e do Maranhão, que observaria entre 1949 e 1951, a sobrevivência dos Tupinambá da costa brasileira, desaparecidos no século XVI (RIBEIRO, 1996).

O trabalho junto a populações indígenas suscitaria sua projeção intelectual em nível nacional. Em 1950, Darcy Ribeiro conquista o Prêmio Fábio Prado de Ensaio, com o trabalho *Religião e Mitologia Kadiwéu*. Dessa projeção se seguiria sua participação em um conjunto de pesquisas, encomendado pela então recém-criada UNESCO<sup>22</sup>, sobre relações

---

<sup>20</sup> Darcy Ribeiro não esclarece por que já desejava estudar os Kadiwéu. Interessante referir que os mesmos já haviam sido estudados, em observação direta, por Claude Lévi-Strauss, em 1935. Esse contato com os Kadiwéu foi registrado em livros seus como *Tristes trópicos* (1955) e *Saudades do Brasil* (1994).

<sup>21</sup> Aproximações entre etnologia e história vinham-se constituindo desde o início do século XX, em contrapartida a uma segmentação dada no século XIX entre antropologia e história quanto a seus objetos de estudo, sociedades ágrafas e não ágrafas, respectivamente. Essas aproximações chegaram a originar o termo *etno-história*, cujo emprego se registrou pela primeira vez em 1909, pelo antropólogo norte-americano Clark Wissler. Uma explanação abrangente sobre etno-história, seja esta disciplina ou método, consta do trabalho de: CAVALCANTE, Thiago L. V. *Etno-história e história indígena: questões sobre conceitos, métodos e relevância da pesquisa*. São Paulo, História, v.30, n.1, 2011, p. 349-371. Em Baldus não há divergências entre etnologia e história, e a perspectiva diacrônica, como sustenta, é fundamental ao trabalho etnológico. Sua concepção de história, segundo Passador, é difusionista e de pequena escala, próxima à escola culturalista norte-americana representada por Franz Boas (PASSADOR, *op. cit.*, p. 66-67). Darcy Ribeiro formou-se nos seminários de Baldus a partir dessa linha. O influxo de Sérgio Buarque de Holanda reforçou a perspectiva diacrônica em seu modo de pensar os grupos indígenas. Posteriormente, porém, Ribeiro adotaria o evolucionismo como paradigma, compondo sua obra a partir de análises em grandes escalas de tempo. Em todo caso, a perspectiva diacrônica permanecerá como uma constante de seu pensamento.

<sup>22</sup> Deve-se recordar que Donald Pierson já vinha realizando no Brasil, desde os anos 1930, pesquisas sobre contatos raciais e culturais. A propósito das pesquisas da UNESCO, as mesmas viriam a compor um projeto em cooperação com a revista *Anhembi*, colocado sob a coordenação do professor da USP Roger Bastide e de seu auxiliar Florestan Fernandes. Além de Darcy Ribeiro, portanto, dele participaram Fernandes – daí advindo estudos seus sobre as relações entre negros e brancos em São Paulo –, Oracy Nogueira – cujos trabalhos no projeto resultaram em seus conceitos de preconceito racial “de marca” e “de origem”, e outros jovens cientistas

étnicas e raciais<sup>23</sup> no Brasil. Em contrapartida ao holocausto ocorrido nas décadas anteriores, a UNESCO tencionava colher resultados de modo a poder exemplificar o Brasil como um modelo de integração exitosa entre diferentes grupos humanos. Esteve sob a responsabilidade de Darcy Ribeiro o aspecto da pesquisa referente à integração das populações indígenas à sociedade brasileira. Máxime desencanto da UNESCO, os resultados da pesquisa sugeriram que no Brasil predomina o contrário da suposta integração, para isso pesando as conclusões de Ribeiro sobre as populações indígenas, segundo as quais estas jamais se integraram à sociedade nacional. A importância maior dessas pesquisas à sua formação é a de ter-lhe instigado à elaboração de um repertório conceitual próprio, que se ampliaria nas décadas subsequentes. Este repertório se inaugura com o engendramento do conceito de *transfiguração étnica*, pelo qual Darcy Ribeiro quer apurar os “modos de transformação de toda a vida e cultura de um grupo para tornar viável sua existência no contexto hostil, mantendo sua identificação” (RIBEIRO, 2012b, p.174). A *transfiguração étnica* assim propalada por Ribeiro dialoga com a teoria da *aculturação* importada da antropologia estadunidense. Porém, almeja distanciar-se desta ao sublinhar *o que resiste* como identificação em um grupo, não priorizando, portanto, a observação do que *se modifica* a partir dos contatos e interações entre grupos humanos distintos.<sup>24</sup>

---

sociais daquela “primeira geração profissionalizada”. Um conjunto amplo de referências e apreciações sobre a promoção dessas pesquisas no Brasil pela UNESCO encontra-se no trabalho de PEREIRA, Cláudio L.; SANSONE, Livio (Orgs.). *Projeto UNESCO no Brasil: textos críticos*. Salvador: EDUFBA, 2007.

<sup>23</sup> Darcy Ribeiro se refere às pesquisas encomendadas pela UNESCO como referentes a “relações étnicas e raciais” no Brasil. Comum ao pensamento social do século XIX, o conceito de *raça* fora banido pela própria UNESCO ainda em 1950, através de um relatório intitulado *Statement on race*. Esse controverso conceito constará, contudo, do vocabulário de Ribeiro até o fim de sua vida, nos anos 1990. Para uma introdução ao tema das posições da UNESCO acerca do conceito de *raça*, ver: HIERNAUX, Jean; BANTON, Michael. *Cuatro declaraciones sobre la cuestión racial*. Paris: UNESCO, 1969.

<sup>24</sup> A teoria da aculturação fora “Primeiramente esboçada na década de 30 e largamente discutida durante toda a década de 50 (...) esquematizava os efeitos do contato entre duas ou mais etnias e os possíveis caminhos de assimilação da mais fraca etnia pela mais forte” (GOMES, Mércio P. *Darcy Ribeiro*. São Paulo: Ícone, 2000, p. 27). Darcy Ribeiro, em suas pesquisas na década de 1950, concluiu que os grupos indígenas não eram assimilados pela expansão da civilização. Em uma carta de Darcy a seu ex-professor Herbert Baldus, de maio de 1952, à época do trabalho para a UNESCO, ficam patentes suas preocupações em relação aos grupos estudados, bem como se pode inferir uma correlação entre sua ideia de transfiguração étnica e os conceitos de aculturação e assimilação: “Nossos grupos indígenas têm um equipamento civilizador cada vez mais parecido com o de nossos caboclos, mas conservam-se como índios, não identificando sua comunidade com as comunidades neobrasileiras com as quais entram em contato.” [...] “A questão fundamental me parece ser a seguinte: que lugar nossa estrutura social é capaz de oferecer ao índio? E a resposta é clara: um lugar incomparavelmente mais miserável do que desfruta na comunidade indígena mais miserável.” [...] “O problema do índio só pode ser resolvido dentro de uma ampla solução dos problemas do povo brasileiro. Não há condições para a integração alegre e cordial com que Rondon sonhou. Os índios, embora se aculturando cada vez mais, não estão se assimilando.” [...] “Um povo não vira outro povo, mestre Baldus, se tem oportunidade de educar seus filhos e se manter unido no mesmo lugar.” [...] “Crê, acaso, que alguma tribo brasileira se esteja integrando em nossa sociedade ou que haja

Em seguimento à pesquisa para a UNESCO, Darcy Ribeiro, descontente com a nova composição do SPI, exonera-se do órgão.<sup>25</sup> Exonerado, dedica-se inteiramente à docência, em dois ambientes, ambos situados na cidade do Rio de Janeiro, ainda Capital do país. O primeiro ambiente, no interior do Museu do Índio, será o de um curso de pós-graduação em antropologia, inédito no Brasil, curso que Ribeiro mesmo criara. O segundo é o da Faculdade Nacional de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade do Brasil, onde assume a cadeira de Etnologia Brasileira de Língua Tupi-Guarani. Nesta Universidade, estabelece relações de amizade e afinidade intelectual com outros professores, tais como Josué de Castro, Álvaro Vieira Pinto e, mormente, Anísio Teixeira. Este último será responsável por uma importante transição na formação de Darcy Ribeiro, na passagem dos anos 1950 a 1960: da etnologia indígena à elaboração de pesquisas e políticas em educação. A propósito dessa transição, que resultará principalmente no reingresso de Ribeiro na vida político-partidária – aderindo ao trabalhismo do antigo PTB –, caberá outra análise, nos moldes da que neste trabalho se realizou.

## Referências

BOMENY, Helena. *Darcy Ribeiro: sociologia de um indisciplinado*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

CHACON, Vamireh. *História das idéias sociológicas no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1977.

LÔBO, Yolanda; VOGAS, Ellen C.; TORRES, Aline C. *Darcy Ribeiro: o brasileiro*. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.

MATTOS, André Luís L. B. *Darcy Ribeiro: uma trajetória (1944-1982)*. 2007. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. São Paulo.

MORSE, Richard. *A volta de McLuhanaíma: cinco estudos solenes e uma brincadeira séria*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PASSADOR, Luiz H. *Herbert Baldus e a antropologia no Brasil*. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas.

---

perspectiva desta integração na atual conjuntura?”. (RIBEIRO apud VASCONCELLOS, Gilberto F. *Darcy Ribeiro: a razão iracunda*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2015, p. 22-23)

<sup>25</sup> “Depois de dez anos de trabalho, metade dos quais vividos nas aldeias indígenas, algum nervo ético se rompeu em mim. Não podia suportar mais lá ficar, testemunhando calado a espoliação dos índios por uma nova geração de funcionários que só queriam ir aos postos indígenas com o fim de ganhar dinheiro. O paternalismo dos velhos burocratas do SPI, se fazendo tratar de papais pelos índios, deu lugar a gente muito pior, porque além de ignorantes eram corruptos. A origem dessa transformação desafortunada foi a entrega, pelo governo JK, do controle do Ministério da Agricultura, e por extensão do Serviço de Proteção aos Índios, ao PTB gaúcho, que fez uma administração desastrosa.” (RIBEIRO, 2012b, p. 178)

RIBEIRO, Darcy. *Confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012b.

\_\_\_\_\_. *Diários Índios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. *Ensaio Insólitos*. São Paulo: Global, 2015.

\_\_\_\_\_. *Testemunho*. Rio de Janeiro: Apicuri; Brasília, DF: UnB, 2012<sup>a</sup>.

SIMONSEN, Roberto. *História Econômica do Brasil: 1500-1820*. Brasília: Senado Federal, 2005.